

+Anil Couto
Arcebispo de Deli

COMO TRANSPOR NOSSAS DIVISÕES E TRAZER PAZ AO MUNDO

Uma das melhores bênçãos que Deus concedeu ao movimento ecumênico para a unidade da Igreja nos últimos cinquenta anos foi a percepção de que a unidade da Igreja existe para a unidade de toda a humanidade, e para a integridade da criação de Deus. Nesse sentido, o ecumenismo não pode ser dissociado da necessidade da comunidade cristã dialogar com as outras crenças e até mesmo ideologias, a fim de concretizar o Reino de Deus aqui na terra, no cumprimento do mandamento de Cristo de pregar a Boa Nova em todo o mundo.

Estou tão contente por termos irmãos e irmãs de outras crenças nesta peregrinação ecumênica, e por estarmos caminhando juntos como co-peregrinos em nossa jornada comum em direção à pátria eterna.

Gostaria de compartilhar com todos os senhores aqui nesta peregrinação uma experiência recente da Índia – a maravilhosa notícia de Mumbai, relatada na mídia como resultado das chuvas torrenciais e consequentes inundações naquela cidade e em seus subúrbios a partir de 28-30 de agosto. Centenas de passageiros ficaram encalhados devido à interrupção dos transporte – trens, ônibus taxis e ‘rickshaws’ (tipo de carroça puxada por homens e usada no transporte de pessoas no extremo oriente). Não havia como eles chegarem em suas casas. As estradas haviam-se transformado em rios durante a noite. Desse modo, centenas de pessoas tinham sido obrigadas a fugir de suas casas por causa da enchente. Nesta hora de necessidade, informou-se que os templos hindus, mesquitas muçulmanas, “gurudwaras” siques e igrejas cristãs locais e suas instituições haviam aberto suas portas para acolher e acomodar tantas pessoas quantas pudessem, independentemente de casta ou credo; não apenas isso, pessoas de todas as religiões juntas organizaram comida e roupas de cama para o povo desabrigado. Esse foi um magnífico gesto de amor e unidade entre as religiões em favor da humanidade sofredora. Foi um testemunho de verdadeira espiritualidade, que deveria ser a marca de todas as religiões. Ninguém pediu pela identidade

religiosa de ninguém, mas todos experimentaram a alegria de ser uma humanidade.

Uma forma com a qual podemos construir pontes e trabalhar pela paz é juntando as mãos a serviço da humanidade. O ensinamento de Mahatma Gandhi sobre a não-violência (ahima) não diz meramente para evitar-se a violência mas fala do amor ativo, que é a luta constante pela verdade e justiça (satyagraha). A filosofia de Gandhi é centrada em derrubar os muros da divisão e construir pontes de amor, unidade e paz por toda a parte, especialmente com os menores, os últimos e os perdidos.

É tão triste que os seres humanos sejam divididos na base de castas, classes, raças, tribos e credos, a ponto de odiarem-se uns aos outros, discriminando-se uns contra os outros e até matando uns aos outros. Há também guerras entre as nações para proteger fronteiras e a “integridade territorial”. A história humana testemunhou o surgimento de ideologias que deificaram a “nação”, a custo de verdadeiros valores humanos de fraternidade e irmandade de todos, como todas as religiões ensinam e, particularmente, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. O nacionalismo impropriamente utilizado com finalidades políticas é sempre destrutivo, especialmente quando esse nacionalismo está ligado à religião, ele pode interferir nos direitos humanos fundamentais e a liberdade humana.

Trata-se de uma religião dissimulada quando ela torna-se uma ferramenta para espalhar o ódio e a violência na sociedade e pior ainda, quando é politizada para ganhar votos e vencer eleições em seu nome. Nitidamente, a sociedade torna-se polarizada em tais casos e o ódio e a desconfiança reinam onde deveria haver amor, harmonia e um sentido de fraternidade e de irmandade entre os povos.

Eu gostaria de aqui me referir ao último Arcebispo de Deli, Ângelo Fernandes, de feliz memória, e que foi o Presidente fundador do Conselho Mundial para a Religião e a Paz, numa incansável “cruzada” para paz mundial com justiça. Em seu livro “O Vaticano II Revisitado” (1997), ele escreve: “O problema da paz é o item mais importante na agenda atual da história do mundo. A humanidade atingiu um ponto crítico em seu desenvolvimento e está dividida entre o dilema de continuar com a louca corrida

armamentista e o equilíbrio do terror, assim chamado retrocesso, ou seguir além, em direção a caminhos de compreensão mais profunda, independência e fraternidade em nossa “Única Terra”. A paz nunca significa apenas a ausência de preocupação; de preferência significa total bem-estar, tudo que proporciona o mais alto benefício. Essa paz tem sempre a ver com os relacionamentos pessoais: os relacionamentos de uma pessoa consigo mesma, com os seres humanos companheiros e com o Senhor de todos. É a paz que nasce da reconciliação de pessoas afastadas, por comissão ou por omissão, ambas da parte de Deus e dos outros. Somente quando as pessoas puderem viver em paz com seu Criador, poderá existir uma paz duradoura nas relações humanas. A paz com Deus, a paz consigo, a paz no próprio coração, a paz na família e a paz entre a humanidade, todos se pertencem. A paz é portanto um dom de Deus e uma obra humana. Não é a ausência de guerra, nem a manutenção de um equilíbrio de poder. É um empreendimento de justiça e o fruto do amor. Ela resulta da harmonia construída na sociedade humana por seu fundador e atualizada por pessoas de todas as gerações subseqüentes, uma vez que elas têm sempre mais sede de maior justiça. Sob o edifício ILO em Genebra, há uma inscrição onde se lê: “Se quer a paz trabalhe pela justiça. A paz precisa ser construída com base nos valores humanos centrais: verdade, justiça, liberdade e amor. Essencial para o processo da construção de um mundo mais genuinamente humano é o respeito incondicional e efetivo pela dignidade humana, igualdade, e direitos humanos de cada uma e de todas as pessoas.”

Somente quando reconhecermos a dignidade humana dada por Deus, a igualdade de cada um e de todos, e aceitamos uns aos outros como irmão e irmã, então e, somente então, o reino de justiça será universal. A justiça cresce com o amor e sem o amor a justiça não pode subsistir. Isso é possível porque o amor é uma decisão, um ato de vontade, aquele forte poder dentro de nós, o qual em parceria com o Senhor, pode trazer mudança.

O Arcebispo Ângelo Fernandes sempre ligou o desenvolvimento à justiça e à paz. Falando sobre a “Estrada em direção ao Desenvolvimento Integral”, ele escreve: “O desenvolvimento é o novo nome da Paz. Nós precisamos agora olhar mais de perto para as dificuldades no caminho, nos obstáculos à paz ao entrarmos no Terceiro Milênio... Se o mundo fosse uma vila de 1000 pessoas, 60 possuiriam metade da riqueza, 500 ficariam com fome, 600

viveriam em favelas e cabanas e 700 seriam ignorantes. Isso coloca tudo em uma casca de noz. Mais de dois bilhões de pessoas vivem na pobreza e um bilhão em pobreza absoluta. As mulheres e as crianças são as principais vítimas dessa distorção. 35.000 crianças morrem todos os dias de negligência, má nutrição e violência e 15 milhões são refugiados. Isso graças a uma ordem econômica internacional injusta baseada na ganância e no lucro com valores morais e sentido de justiça em um segundo plano. O resultado líquido da plethora das doenças na sociedade humana foi discórdia na família, desconfiança entre as comunidades religiosas, conflito e violência entre grupos étnico, atritos e tensões entre os Estados. A pobreza foi, portanto, denominada uma forma de morte física e cultural. E mesmo assim o maior problema não é a pobreza mas a falta de preocupação daqueles que poderiam influenciar o curso dos eventos para melhor. A real política precisa assumir uma face mais humana no próximo milênio.” Isso foi dito por ele há vinte anos atrás, antes de entrarmos no Terceiro Milênio. As estatísticas pioraram hoje. Algo mais o Arcebispo disse: “Há três bombas pairando sobre a humanidade, a bomba nuclear, a bomba da fome e a bomba da crise da dívida; e agora a bomba ecológica. Todas elas precisam ser neutralizadas, enquanto escolhemos a vida ao invés da morte para o futuro”. Não sentimos, hoje, que essas palavras são verdade e que nós, como pessoas religiosas responsáveis, somos chamados a responder ao aparecimento da ameaça?

Há uma necessidade urgente baseada na economia, muito mais do que uma economia baseada na cobiça. Nas palavras de Mahatma Gandhi: “Há o suficiente no mundo para fazer face às necessidades de todos, mas não há o suficiente para a ganância de um só. O crescimento econômico sozinho não é a resposta, mas especialmente um desenvolvimento que é justo e sustentável, e não ligado aos interesses político e econômico de alguns, mas aquele que abraça mulheres, minorias, indígenas e pessoas marginalizadas.

Nosso Senhor Jesus Cristo veio a esse mundo como o “Príncipe da Paz”. Em seu nascimento, os anjos cantaram o canto da paz, antes de sua morte, ele deu-nos o dom da paz, e em sua Ressurreição suas primeiras palavras foram: “A paz esteja convosco”. Ele, claramente, deixou para nós seu ensinamento sobre a paz: “Bem-aventurados os promotores da paz, pois serão chamados filhos de

Deus” (Mt 5,9). Esse ensinamento que é o caminho da salvação está inseparavelmente ligado ao seu ensinamento sobre o amor, o perdão e a reconciliação, a gratidão, a humildade e a autonegação da Cruz que conduz à Ressurreição.

Que seu Espírito inspire e guie o mundo a tomar as decisões corretas, que conduzam à plenitude da vida, e não à destruição e à morte.

+Anil Couto
Arcebispo de Deli